

Da homofobia à pauta: cobertura jornalística de agressões homofóbicas em 2010 e 2024 no portal G1.

Luiza França Festa (autora)^[1]

Tatiana de Bruyn Ferraz Teixeira (Orientadora)^[2]

Resumo

Este artigo busca investigar a forma como os casos de agressão homofóbica foram representados pelo portal G1 de jornalismo e comparar casos de diferentes épocas a fim de explorar as diferenças da cobertura entre eles. Com essa finalidade, são consultados artigos selecionados que analisam conteúdo de notícias sobre esse tipo de agressão no Brasil, também foram consultados autores como Foucault, Judith Butler e Carlos Humberto Ferreira Silva Júnior e de Ranewyl Conell para a análise da teoria queer e das masculinidades e utilizar desses conceitos para entender a cobertura. Será usada a análise de conteúdo de Laurence Bardin junto ao conceito de WebJornalismo para compreender a estrutura do portal. As notícias utilizadas para o campo da pesquisa compreenderam o caso de agressão homofóbica na Paulista em 2010 e o recente caso de agressão a um casal numa padaria em SP.

Palavras-chave: Homofobia; Mídia; Webjornalismo; Agressão; Gênero.

[1]Luiza França Festa é estudante do curso de Jornalismo e é pesquisadora do Centro Interdisciplinar de Pesquisa, CIP, da Faculdade Cásper Líbero. Email: luizafesta@al.casperlibero.edu.br

[2] Mestre em Comunicação na Contemporaneidade pela Faculdade Cáspér Líbero. Docente do curso de Jornalismo.
Email: tbfeixeira@casperlibero.edu.br

Introdução

Esse artigo científico tem como tema a cobertura da imprensa em casos de agressões homofóbicas. Em 2023, segundo o Observatório de Violência do Grupo Gay da Bahia, o Brasil foi o campeão mundial de homicídios e suicídios de LGBT+: 257 mortes violentas documentadas, ou seja, uma morte a cada 34 horas. Diante desse dado, é imprescindível se questionar sobre o tipo de cobertura midiática que reverbera sobre esses casos.

Um caso emblemático de agressão LGBTfóbica ocorrido em 2010, na Avenida Paulista (São Paulo), ganhou ampla notoriedade em razão da arma utilizada para ferir a vítima, Luís: uma lâmpada fluorescente. Este episódio tornou-se um dos primeiros amplamente divulgados pela mídia com a motivação explicitamente associada à homofobia, permanecendo, até hoje, como um marco na memória coletiva.

A partir desse acontecimento, a cobertura midiática de casos motivados por LGBTfobia passou a receber maior atenção. Um dos exemplos mais recentes foi o episódio ocorrido em 2024, também em São Paulo, envolvendo um ato de homofobia praticado por uma mulher contra um casal homossexual dentro de uma padaria. Ambos os casos, com um intervalo de 14 anos entre si, foram veiculados por diferentes meios de comunicação, como portais jornalísticos, compondo assim um corpus midiático relevante para investigação.

Este trabalho tem como objetivo central comparar se as práticas discursivas da mídia na abordagem de casos de homofobia permaneceram as mesmas ao longo do tempo entre os anos de 2010 e 2024. Os objetivos específicos que orientam esta pesquisa são: Compreender o contexto sociopolítico e cultural no qual as notícias foram produzidas e divulgadas; Identificar semelhanças e diferenças entre os conteúdos midiáticos em 2010 e 2024 e analisar se a cobertura jornalística evoluiu em consonância com o avanço dos direitos da população LGBTQIA+ no Brasil.

Para tanto, será utilizada a metodologia de análise de conteúdo no Portal G1 que noticiou os casos mencionados.

Ao examinar os dados referentes às agressões contra homossexuais no país, torna-se imprescindível trazer esse tema para maior evidência no debate público. O estudo comparativo da cobertura jornalística nesses períodos carece de análise mais crítica, como será apresentado no tópico a seguir.

Análise de Estado da Arte

Para investigar a produção científica sobre o tema foi realizada uma pesquisa no Google Acadêmico, utilizando as palavras-chave "jornalismo", "homofobia" e "cobertura jornalística". A princípio foram encontradas e mapeadas 19 pesquisas realizadas na primeira década dos anos 2000 e foram verificadas as dez primeiras páginas da ferramenta. Com o objetivo de encontrar também estudos mais recentes, o filtro foi reconfigurado para artigos publicados depois de 2021, também utilizando o mesmo critério de consulta às páginas. Foi possível encontrar 16 trabalhos sobre homofobia no jornalismo: dentro desses funis de pesquisa, quatro trataram especificamente sobre a cobertura da violência física a partir de motivação homofóbica.

Ao analisar os quatro trabalhos que mais se aproximavam da temática da pesquisa, se observou a metodologia, abordagens e conclusões. Em relação às metodologias empregadas, a Análise Crítica do Discurso (ACD) aparece como a abordagem mais recorrente, sendo adotada por duas dessas pesquisas. Dentre desse corpus, foram analisados artigos e uma monografia. A escolha metodológica dessas pesquisas reforça o interesse em entender os sentidos ideológicos, as relações de poder e os posicionamentos implícitos nos textos jornalísticos. A triangulação de métodos também se destaca como um dos recursos utilizados para ampliar a complexidade da análise. Um artigo opta pela análise do contrato de leitura de Veron. Todas as pesquisas, sem exceção, adotam uma abordagem qualitativa.

Ao expor as conclusões das pesquisas consultadas, o Estado da Arte revelou um fator comum: o termo *homofobia* tende a ser utilizado com certo temor pela mídia, sendo, por vezes, evitado mesmo em contextos claramente configurados como casos de agressão homofóbica. Essa prática foi observada em diferentes períodos e corpus investigados por essas produções, como: nos

veículos A Tarde, Tribuna da Bahia e Correio da Bahia, nos anos de 1999, 2001, 2002 e 2004 (Sotero, Anderson)

Além disso, destaca-se um aspecto relevante presente em parte dessa cobertura midiática estudada: a representação da violência como uma consequência da sexualidade do sujeito homossexual. Essa abordagem corrobora uma perspectiva discutida por Michel Foucault em sua obra *História da Sexualidade*, na qual o autor argumenta que a sexualidade é compreendida como algo consubstancial ao sujeito, atravessando todas as suas condutas e sendo percebida como parte indissociável de sua identidade. Para Foucault, (1980, apud Cirino, 2009, p.9)

Uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida [...]. Nada daquilo que ele é escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas [...]. É-lhe consubstancial, não tanto como pecado habitual, porém como natureza singular

No entanto, um aspecto que permanece ausente nas pesquisas analisadas é a perspectiva comparativa entre diferentes períodos históricos da cobertura jornalística. Ou seja, ainda não se observa, dentro da produção recente observada por meio dos filtros escolhidos (pós-2021), uma preocupação em contrastar a abordagem midiática contemporânea com a realizada em décadas ou anos anteriores. Tal ausência revela uma lacuna para investigações futuras, especialmente considerando os avanços legislativos, sociais e culturais relacionados aos direitos da população LGBTQIA+ no Brasil. A partir desse entendimento, é necessário analisar a teoria queer que busca esclarecer o estado e desenvolvimento da comunidade LGBTQIA+ nas últimas décadas.

Referencial teórico

Segundo Guacira (2001), no século XIX, as relações entre pessoas do mesmo sexo deixam de ser tratadas como somente uma prática sexual, um ato, e passam a definir um sujeito: o homossexual, esse era marcado por diversas áreas da sociedade como deviante. Em 1969, o bar gay Stonewall viria a se tornar um grande marco da luta da comunidade LGBTQIA+ ao se tornar palco de uma

rebelião, na qual o grupo submetido a batidas policiais e repressão iniciou uma série de protestos.

Nos anos 70, a discussão avança por meio da organização do Movimento da Libertação Homossexual, principalmente nos EUA. Enquanto isso, no Brasil, alguns artistas começavam a desafiar as normas de gênero. As políticas de identidade são afirmadas através da criação de uma comunidade gay e lésbica e um apelo ao *coming out* como instrumento de pertencimento.

No ano de 1985, o Conselho Federal de Medicina se antecipou à OMS e excluiu a homossexualidade da Classificação Estatística de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde (CID).

De acordo com Guacira (2001), na década seguinte, começa uma série de críticas internas às políticas de identidade excludentes com pessoas trans, bissexuais, latinas, negras e outras realidades socioculturais. Além disso, o surgimento da AIDS acendeu os debates sobre sexualidade, e ajudou a criar redes de solidariedade, apesar disso intensificou a homofobia sofrida pelas comunidades marginalizadas. No Brasil, a doença também provoca a expansão da discussão sobre sexualidade. Já nos anos 90 é quando a teoria queer se consolida como uma crítica a política de identidade, a lógica binária e sua normalização, a partir disso, teóricos como Judith Butler propõe um modelo pós identitário.

A teoria queer, articulada por Judith Butler, propõe uma crítica radical às categorias fixas de gênero e sexualidade, desestabilizando a distinção tradicional entre sexo e gênero e denunciando a imposição da heterossexualidade como norma reguladora das identidades. Para Butler, não há um sujeito essencialmente “mulher” ou “homem”, pois o gênero é performativamente construído, ou seja, produzido por repetições normativas e práticas discursivas historicamente situadas.

Como mostra Eurídice Figueiredo (2018), a teoria queer não busca integrar os corpos dissidentes à norma, mas sim questionar os próprios fundamentos dessa norma, tornando visível a artificialidade das fronteiras entre o que é considerado legítimo ou ilegítimo em termos de identidade. Nesse sentido, a teoria queer fornece ferramentas cruciais para compreender como as percepções públicas sobre agressões homofóbicas são moldadas.

Ao visibilizar performances de gênero e sexualidade não normativas, ou omitindo-as jornalismo participa ativamente da disputa pelo reconhecimento social. Assim, aplicar a lente queer à análise da cobertura midiática permite revelar os mecanismos pelos quais certas identidades são tornadas marginalizadas ou patologizadas.

Carlos Humberto (2018) destaca que os estudos feministas são fundamentais para a desconstrução da masculinidade hegemônica e para a emergência de outras formas de subjetividade. Eles começaram com o feminismo iluminista, baseado no liberalismo, que reivindicava a igualdade de direitos entre homens e mulheres. Ao longo do tempo, o movimento feminista diversificou-se em correntes como o feminismo cultural, o marxista, o radical e o negro/interseccional, evidenciando que as opressões de gênero também cruzam com raça, classe e sexualidade.

As mulheres, ao lutarem por seus direitos e reconhecimento, pavimentaram o caminho para que outras identidades oprimidas historicamente também reivindicassem visibilidade e cidadania, como os sujeitos LGBTQIA+. Os estudos feministas, portanto, não desafiam somente o patriarcado, como também deram base conceitual e política para os estudos gays e lésbicos.

Esses, por sua vez, ganharam força a partir do século XIX, especialmente com autores como Karl Ulrichs, Magnus Hirschfeld e, mais tarde, Donald Cory e Jonathan Katz, que ajudaram a deslocar a homossexualidade da esfera da patologia para o campo da cultura e dos direitos civis. A criação de uma identidade gay moderna implicou uma crítica às normas sexuais e de gênero, e foi impulsionada por movimentos sociais como a Liberação Gay. Esses estudos mostraram que a homossexualidade é uma construção social historicamente situada, e que sua marginalização está ligada a mecanismos de poder e controle, como a masculinidade hegemônica.

Em oposição à ideia de uma masculinidade única, Connell (1995) argumenta que existem diversas formas de ser homem, hierarquizadas socialmente. A masculinidade hegemônica é aquela que ocupa o topo dessa hierarquia, associada a valores como força, racionalidade, heterossexualidade compulsória e autoridade. As masculinidades subordinadas, como a dos homens gays ou afeminados, são vistas como "desvios" ou fraquezas frente ao ideal dominante.

Metodologia

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa, orientada pela técnica de análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin (2011), que possibilita examinar os sentidos e padrões presentes na cobertura jornalística. Esse método parte da categorização sistemática do material, permitindo compreender a forma como os conteúdos foram estruturados, as abordagens adotadas e os significados atribuídos ao fenômeno analisado.

O corpus é constituído pelas matérias publicadas no Portal G1, no mês em que ocorreram os ataques homofóbicos selecionados e no mês subsequente, de modo a abranger não apenas a cobertura imediata, mas também as repercussões posteriores. Essa delimitação temporal possibilita a comparação entre dois momentos da cobertura e a identificação de transformações no enquadramento jornalístico.

As matérias serão organizadas em uma tabela de análise que considera as seguintes categorias: Data da publicação; título; hiperlinks presentes; multimidialidade (texto, imagem, áudio, vídeo); interatividade (comentários, compartilhamento, links para redes sociais); identificação das vítimas (perfil e características mencionadas); identificação dos agressores (perfil e características mencionadas); fontes consultadas; foco da matéria (temas centrais abordados); abordagem adotada (ênfases e estratégias narrativas); contextualização (dados sobre agressões anteriores, legislação, estatísticas); denominação do ataque (termos utilizados para descrever o fato).

A análise será guiada também pelas sete características do webjornalismo (Canavilhas, 2003): hipertextualidade – mapeada pelos hiperlinks internos e externos presentes nas matérias; multimidialidade – observada pela presença de diferentes linguagens (texto, foto, vídeo, infográfico, áudio); interatividade – analisada a partir das opções de participação do público (comentários, botões de compartilhamento, enquetes, etc.); memória – verificada pela disponibilização de conteúdos relacionados, matérias anteriores ou dossiês; personalização – considerada na medida em que a plataforma permite adaptar a navegação ou sugerir conteúdos relacionados ao leitor; instantaneidade – identificada pelo ritmo de atualização das matérias e pela cobertura em tempo real e ubiquidade – refletida na acessibilidade multiplataforma e na possibilidade de consumo em diferentes dispositivos.

Essas características permitem compreender não apenas o conteúdo textual, mas também a forma como o meio digital organiza, atualiza e distribui a informação.

Seguindo Bardin (2011), a análise será conduzida em três etapas:

1. **Pré-análise:** organização do corpus, seleção das matérias e definição das categorias;
2. **Exploração do material:** codificação das informações conforme as categorias estabelecidas, observando tanto os aspectos textuais quanto os recursos do webjornalismo;
3. **Tratamento dos resultados e interpretação:** elaboração de inferências, identificação de padrões de cobertura e comparação entre os dois casos analisados.

Essa metodologia possibilita compreender de que maneira a cobertura jornalística do Portal G1 se estruturou, quais recursos do webjornalismo foram mobilizados e como os ataques foram representados em diferentes contextos temporais.

A seleção das matérias do caso 1 aconteceu por meio de busca no Google com as palavras chave: ATAQUE AND HOMOSSEXUAIS AND LÂMPADA AND AV. PAULISTA AND 2010 AND PORTAL G1. Foram escolhidas 6 matérias para que possamos comparar as categorias de análise sem ultrapassar o limite de páginas definido por essa pesquisa.

Para o caso 2, foram 4 matérias do mesmo portal, devido à ciência desse caso ter tido repercussão inferior ao primeiro. As palavras-chave foram: ATAQUE AND HOMOSSEXUAIS AND LÂMPADA AND AV. PAULISTA AND 2010 AND PORTAL G1

Resultados

Tabela 1. Cobertura do Portal G1 no caso da lâmpada em 2010

Data da matéria	Título	Hiperlinks	Linguagem multimídia	Interatividade	Vítimas	Agressores	Fontes	Foco da matéria	Abordagem	Contextualização (dados)	Denominação do ataque
15/11/2010	Justiça mandar soltar jovem suspeito de agressões na Paulista	Não	Vídeo (não disponível), texto e foto	Botões para compatilhamento em redes sociais externas como Facebook, Twitter, G+ e Pinterest	Duas vítimas não identificadas e Luís Alberto	4 menores de idade e Jonathan, de 19 anos	Luís (Vítima), fotógrafo agredido e mãe de um dos menores agressores	Liberação da justiça para que Jonathan respondesse em liberdade	Dá relevância ao silêncio dos agressores e a liberação da justiça	Não há, só fala sobre agressões do dia 14 de novembro	Agressão (somente suspeita de intolerância/homofobia)
15/11/2010	Polícia investiga se ataque a jovens em SP foi motivado por homofobia	Não	Vídeo (não disponível) e texto	Botões para compatilhamento em redes sociais externas como Facebook, Twitter, G+ e Pinterest	5 vítimas	4 menores de idade e Jonathan, de 19 anos	Vítimas, delegado José Mataio e seguranças do prédio José Augusto Neto, mãe de agressor e cientista social	Possível motivação para agressões na Avenida Paulista	Dá relevância a investigação da motivação da agressão	Não há, só fala sobre agressões do dia 14 de novembro	Agressão (somente suspeita de intolerância/homofobia)
15/11/2010	Menores suspeitos de agressão na Paulista passarão por avaliação	Não	Vídeo (não disponível) e texto	Botões para compatilhamento em redes sociais externas como Facebook, Twitter, G+ e Pinterest	3 vítimas	4 menores de idade e Jonathan, de 19 anos	Uma vítima	Avaliação dos menores suspeitos	Dá relevância a avaliação dos menores e consequências	Contextualiza toda a situação das agressões	Agressão (somente suspeita de intolerância/homofobia)
19/11/2010	Movimento LGBT fará ato contra violência na Av. Paulista	Não	Texto	Botões para compatilhamento em redes sociais externas como Facebook, Twitter, G+ e Pinterest	4 vítimas	4 menores de idade e Jonathan, de 19 anos	Não há	Mobilização do movimento LGBT contra as agressões	Dá relevância a reivindicação do movimento por uma lei que criminalize a homofobia	Contextualiza rapidamente as agressões	Atentados violentos
25/11/2010	Polícia vai responsabilizar jovens por tentativa de assassinato na Paulista	Não	Vídeo (não disponível) e texto	Botões para compatilhamento em redes sociais externas como Facebook,	4 vítimas (uma especificada como lavador de carros)	4 menores de idade e Jonathan, de 19 anos	Advogado de um dos menores e delegado Renato Felissoni	Responsabilização dos jovens agressores como tentativa de assassinato	Dá relevância ao que diz o delegado e a defesa dos réus	Contextualiza rapidamente no lide a agressão	tentativa de homicídio por dolo eventual, formação de quadrilha e lesão corporal

5/12/2010	Pensei que ia morrer', diz jovem agredido com lâmpada na Paulista	Não	Vídeo e texto	Botões para compartilhamento em redes sociais externas como Facebook, Twitter, G+ e Pinterest	Luís Alberto, jovem que acredita ter sido confundido com um rapaz homossexual, e empresário de 37 anos não identificado que acredita ter sido vítima do mesmo grupo de agressores	4 menores de idade e Jonathan, de 19 anos	Vítimas	Nova agressão e possível ligação do caso a homofobia	Dá relevância ao comportamento dos agressores	Apresenta dados sobre o ataque anterior	Agressão (somente suspeita de intolerância/homofobia)

Tabela 2. Cobertura do Portal G1 no caso da padaria em 2024

Data da matéria	Título	Hiperlinks	Linguagem multimídia	Interatividade	Vítimas	Agressores	Fontes	Foco da matéria	Abordagem	Contextualização (dados)	Denominação do ataque
6/2/2024	Eu saí de uma padaria com nariz sangrando' diz jovem vítima de homofobia em SP	Sim, 2	Vídeo e texto	3 botões de compartilhamento (Whatsapp, facebook e outros) e seção de comentários no Portal	Casal de homossexuais	Jaqueline, mulher branca de classe média	Uma das vítimas (Rafael Gonzaga) e Secretaria de Segurança Pública	Agressão ocorrida dentro de padaria	Agressividade e falas da agressora	Não contextualiza outras agressões recentes	Homofobia
7/2/2024	Polícia identifica e intima mulher que agrediu casal gay em padaria no Centro de SP a prestar depoimento	Sim, 3	Vídeo e texto	3 botões de compartilhamento (Whatsapp, facebook e outros) e seção de comentários no Portal	Casal de homossexuais	Jaqueline, mulher branca de classe média	Uma das vítimas (Rafael Gonzaga), Secretaria de Segurança Pública e defesa de Jaqueline	Agressão ocorrida dentro de padaria	Foca em identificação da mulher que agrediu o casal	Não contextualiza outras agressões recentes	Homofobia

9/2/2024	Mulher filmada agredindo casal gay em SP responde processo por suspeita de golpe de R\$ 200 mil em SC	Sim, 11	Vídeo e texto	3 botões de compartilhamento (Whatsapp, facebook e outros)	Casal de homossexuais	Jaqueline, mulher branca de classe média	Rafael Gonzaga, defesa de Jaqueline	Fato anterior a agressão: Jaqueline já era ré por golpe no Estado de Santa Catarina	Foca primeiro no golpe que a autora da agressão homofóbica teria cometido	Contextualiza a agressão da padaria	Homofobia
11/3/2024	Mulher que agrediu casal gay em padaria no Centro de SP é indiciada por lesão corporal e injúria; veja quando agressora joga cone em vítima	Sim, 2	Vídeos, imagens e texto	3 botões de compartilhamento (Whatsapp, facebook e outros) e seção de comentários no Portal	Casal de homossexuais	Jaqueline, mulher branca de classe média	Rafael Gonzaga, Secretaria de Segurança Pública	Indiciamento por lesão corporal e injúria da Ré	Aborda contexto da agressão e desdobramentos	Contextualiza a agressão da padaria	Agressão homofóbica, lesão corporal e injúria

Análise e Discussão dos Resultados

O caso da Lâmpada Fluorescente concentrou seis matérias em menos de um mês, marcadas por grande repercussão e debate público. Já o caso da padaria (2024) apresenta quatro matérias publicadas ao longo de um mês, com foco em desdobramentos processuais.

Leitura panorâmica do corpus

Em 2010, observa-se uma cobertura reativa e imediata, típica do jornalismo de “breaking news”. Em 2024, o portal adota uma lógica processual e segmentada, acompanhando a investigação e o indiciamento da agressora.

Segundo Bardin (2011), esse deslocamento temporal no tratamento das informações revela mudanças no foco discursivo — de uma narrativa institucional e judicial (2010) para uma narrativa centrada nas vítimas e na responsabilização individual (2024).

Hipertextualidade e multimidialidade

Em 2010, as matérias carecem de hiperlinks e apresentam vídeos indisponíveis, limitando a multimidialidade. Já em 2024, há hiperlinks ativos, vídeos integrados e imagens da agressão, ampliando a dimensão de prova e verificação. Conforme Canavilhas (2001), essa ampliação do repertório multimidiático reforça a credibilidade jornalística e aumenta a imersão do leitor.

Interatividade

Enquanto as matérias de 2010 permitem apenas o compartilhamento externo (Facebook, Twitter, Google+), as de 2024 contam com botões de WhatsApp e seções de comentários internas. Esse avanço, conforme o conceito de interatividade (Canavilhas, 2001), representa uma abertura para o diálogo público e para a coprodução de sentidos, transformando leitores em participantes do debate.

Fontes e enquadramento noticioso

O padrão de fontes se altera significativamente. Em 2010, prevalecem autoridades policiais e jurídicas, com o termo “homofobia” tratado como suspeita. Em 2024, as matérias dão voz direta à vítima (Rafael Gonzaga) e incluem a defesa da agressora, além de informações sobre o indiciamento formal. Essa mudança reflete uma maior centralidade da vítima e nomeação explícita da motivação homofóbica, o que aponta para um avanço na reconhecimento social e discursivo da violência.

Terminologia e reconhecimento

A diferença terminológica entre os períodos é nítida. No caso de 2010, o ataque é descrito como “agressão” ou “tentativa de homicídio”, e a homofobia é apenas mencionada como hipótese. Em 2024, o termo “homofobia” aparece com frequência nos títulos e nas legendas, tornando-se categoria central da narrativa.

A mudança demonstra que o jornalismo passou a reconhecer discursivamente a LGBTfobia como fenômeno social e não apenas policial.

Contextualização e memória

Nos dois casos, observa-se fragilidade na contextualização estatística. Nenhuma das matérias de 2010 cita dados de violência LGBTfóbica no país, e em 2024, apesar da expansão hipertextual, também não há referência ao Grupo Gay da Bahia ou ao Anuário de Segurança Pública. Assim, a cobertura evolui tecnologicamente, mas permanece episódica, sem conectar o caso individual a um quadro estrutural de violência.

Personalização e instantaneidade

Em 2010, as vítimas aparecem como coletivo anônimo; em 2024, há nomes, falas e rostos, indicando humanização e personalização da experiência. Quanto à instantaneidade, 2024 demonstra um padrão de atualização contínua e multiplataforma, enquanto 2010 ainda se restringe a uma lógica unidirecional e centralizada.

Conclusão

A comparação entre os casos de 2010 e 2024 evidencia uma mudança gradual na forma como o jornalismo brasileiro retrata a violência homofóbica.

A cobertura de 2010 revela cautela discursiva e dependência institucional, evitando o uso direto do termo “homofobia”. Já em 2024, o G1 adota uma postura mais assertiva e humanizada, nomeando o preconceito, centralizando as vítimas e mobilizando os recursos do webjornalismo contemporâneo.

Apesar desses avanços, persiste um déficit de contextualização histórica e estatística, o que limita a compreensão da LGBTfobia como problema público e sistêmico. Conforme Bardin (2011), as inferências qualitativas permitem concluir que houve um deslocamento de enfoque, de uma cobertura centrada na instituição para uma cobertura centrada na experiência.

Entretanto, à luz da Teoria Queer (Butler, Louro, Figueiredo) e dos estudos de masculinidades (Connell), a análise mostra que a mídia ainda opera dentro de regimes de visibilidade seletiva, em que as identidades dissidentes são reconhecidas, mas raramente articuladas a discussões estruturais sobre gênero, poder e cidadania.

Referências

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2011.

CANAVILHAS, João. *Webjornalismo: sete características que marcam a diferença*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2001. Disponível em: <https://labcom.ubi.pt>.

CIRINO, Oscar. *O desejo, os corpos e os prazeres em Michel Foucault*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

CONNELL, Raewyn. *Masculinidades*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

FIGUEIREDO, Eurídice. *Desfazendo o gênero: a teoria queer de Judith Butler*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.

GRUPO GAY DA BAHIA. Observatório 2023 de mortes violentas de LGBT+ no Brasil. Salvador:
Grupo Gay da Bahia, 2024.

LOURO, Guacira Lopes. *Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SILVA JÚNIOR, Carlos Humberto Ferreira. *Imprensa Gay Latino-Americana: os estereótipos e a construção de outras masculinidades entre 1960 e 1980*. 2023. 193 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Bauru, 2023.